

Sarney não empolga o Senado no seu retorno

Givaldo Barbosa

Depois de sete anos afastado do Congresso, o ex-presidente José Sarney voltou ontem a ocupará a Tribuna do Senado, como representante do PMDB do Amapá, mas não empolgou a platéia que incluiu, além de senadores dos mais diversos partidos, o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, e os presidentes do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral. Sarney foi o orador oficial da sessão em homenagem ao Supremo, pelos cem anos de sua criação, e falou durante exatos 53 minutos, lendo um discurso de 16 páginas datilografadas.

O senador Sarney abriu seu discurso afirmando que a história do Supremo é a história da República. "Elas se interligam e se integram nos dias de glória e nos instantes de sombra", disse o ex-presidente. Mas a platéia mais crítica, na qual se inclui o líder do PDT, senador Maurício Correa, diz que sua fala foi perfeita em elegância literária, mas não foi um discurso de mensagem, como se poderia esperar de um ex-presidente.

Ao longo do discurso, Sarney foi reconstituindo cenários, fatos e seus personagens, falando de sua relação com o Senado Federal e citando os pontos mais altos de atuação da suprema corte, de Rui Barbosa a Juscelino Kubitschek.

Antecipação

O ex-presidente, que não acredita na antecipação da revisão



Sarney discursou sobre STF

constitucional, "porque os prazos já estão estabelecidos", destacou ao final do discurso que o Supremo tem um desafio pela frente: viabilizar a Constituição de 88. "O STF terá que buscar o seu espírito, podá-la nos excessos e ampliá-la nas suas lacunas, para que seja um instrumento de estabilidade, segurança, de defesa dos direitos sociais e civis". E, por ter falado em "ampliá-la nas lacunas", acabou confundindo alguns presentes. "Acho que ele quis dizer "suprir" a Constituição em suas lacunas, e não ampliar", avaliou o presidente do TSE, Sydney Sanches, para quem a Constituição peca pelas minúcias, e não pelas lacunas.